



## A CASCA DA CANELEIRA (1866): UMA APRESENTAÇÃO

**Cristiane Carvalho**  
**Universidade Federal de Uberlândia - UFU**

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve apresentação analítica de *A casca da caneleira: steeplechase – por uma boa dúzia de esperanças* (1866), romance *steeplechase* e obra coletiva escrita por onze maranhenses, como Joaquim Serra, Sotero dos Reis, Henriques Leal, Sousândrade, entre outros. Pretende-se discutir os eventos históricos da época, os quais despertaram uma noção de memória e de identidade nos autores maranhenses ao se posicionarem frente ao embate entre Romantismo e Realismo suscitado pela Questão Coimbrã; e, por fim, ressaltar a importância e o valor imensurável desse texto para a revisão da história da literatura brasileira. A investigação também envolve o estudo do caráter biobibliográfico de seus autores, bem como a consulta de produções científicas sobre as tendências literárias vigentes na segunda metade do século XIX. Neste trabalho, abordaremos esse assunto debruçando sobre as perspectivas de teóricos como Cunha (1970), Lobo (2005), Piccarolo (1916), dentre outros. Desse modo, busca-se contribuir para a revisão da história da literatura luso-brasileira e também para a inserção dessa novela no circuito literário nacional.

**Palavras-chave:** A casca da caneleira; Questão Coimbrã; *Steeplechase*.

*A casca da caneleira (1866): A presentation*

**Abstract:** This paper aims to make a brief analytical presentation of *A casca da caneleira: steeplechase – por uma boa dúzia de esperanças* (1866), *steeplechase* novel, a collective production written by eleven men from Maranhão, like Joaquim Serra, Sotero dos Reis, Henriques Leal, Sousândrade, and others. It is hoped to discuss the historical events of that time, which awakened a authors from notion of memory and identity in the Maranhão when they took a stance front the clash between Romanticism and Realism elicited by the “Questão Coimbrã”; and, lastly, highlight the relevance and the immeasurable value of this work for the revision of Brazil’s literature’s history. This research also involves the biobibliography study of its authours, as well as the review of scientific productions on the upcoming literary tendencies on the second half of the XIX century. On this work we will aproach this subject addressing certain perspectives from theorists like CUNHA (1970), LOBO (2005), PICCAROLO (1916), among others. In this way, this paper aims to contribute to the revision of Portuguese-Brazilian literature’s history and as well as the inclusion of this novel in our literary circle.

**Keywords:** A casca da caneleira; Questão Coimbrã; *Steeplechase*.

## Introdução

Neste artigo, pretende-se com o presente estudo analítico de *A casca da caneleira: steeplechase – por uma boa dúzia de esperanças* (1866), romance *steeplechase* escrito por onze autores maranhenses oitocentistas: Gentil Braga, Joaquim Serra, Raimundo Filgueiras, Marques Rodrigues, Trajano Galvão, Sotero dos Reis, Henriques Leal, Dias Carneiro, Sabbas da Costa, Caetano C. Catanhede e Sousândrade, todos mascarados com seus respectivos pseudônimos<sup>1</sup>: Flávio Reimar, Pietro de Castelmare, Pedro Botelho, Rufo Salero, James Blumm, Nicodemus, Judael de Babel-Mandeb, Stephens Van-Ritter, Golodron de Bivac, Iwan Orloff e Conrado Rotenski. *A casca da caneleira* foi uma das primeiras narrativas coletivas que se tem notícia no Brasil. Primeiramente, no início de 1866, foi publicada em folhetim na coluna “Terra a Terra”, do jornal *O Publicador* e também em outros periódicos, como *A Coalção* e *Cearense*. Já no fim do mesmo ano, o texto foi compilado em livro, o qual foi o objeto de análise deste trabalho<sup>2</sup>.

A narrativa mencionada motiva profundas discussões em torno de seu artefato, bem como suscita reflexões acerca de seu contexto histórico-literário, cujos bastidores têm a ver com a conturbada recepção da Questão Coimbrã entre os brasileiros. De modo geral, o artigo busca salientar a importância estética, social e histórica da obra em estudo, mesmo que ela não esteja presente no cânone, com intuito de fazer sua inserção no circuito da literatura nacional.

## Autores

Essa narrativa foi elaborada nos moldes da obra coletiva *La croix de Berny*, de Emile de Girardin, Théophile Gautier e Jules Sandeau, seguindo seu modelo de narrativa em prestação e, principalmente, na questão da autoria coletiva, visto que essa obra francesa foi pioneira nesse processo de escrita. Além do folhetim francês, *A Casca* também remonta ao coletivo *Steeplechase*, publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 1858, no âmbito do jogo literário<sup>3</sup>. Embora *A Casca* possua suas particularidades, o tom humorístico e descontraído faz ela se aproximar do folhetim carioca.

---

<sup>1</sup> O uso de pseudônimos se tornou marca dos romances coletivos brasileiros, a fim de descaracterizar e desestabilizar a identidade autoral.

<sup>2</sup> O texto escolhido para análise foi a segunda edição do livro, pois, além de ser revista e atualizada em relação à primeira edição, foi a ela que tivemos acesso para as respectivas leitura e análise da obra.

<sup>3</sup> Entende-se, no contexto deste artigo, jogo literário como o conjunto de relações que propiciam a criação de obras literárias, sejam elas explícitas ou implicitamente descompromissadas ou não com os momentos e fatos históricos vividos durante o período de suas produções.

O texto em questão, objeto desta análise, foi escrito primeiramente em formato de *Steeplechase*, um tipo de folhetim que carrega consigo uma proposta de escrita coletiva, bem como brincadeira literária, descompromissada e irônica. Além disso, a obra, com seu grupo de escritores e enredo dinâmico, foi comparada a uma corrida equina com obstáculos, também chamada *steeplechase*. No “Exórdio Dispensável”, Joaquim Serra se referiu aos escritores como sendo “os *sportsmen*, que entram neste *steeple-chase*, galopam, cada um para seu lado, fazendo uma grande cortesia ao respeitável público” (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 4).

Nesse *steeplechase* maranhense, a responsabilidade de organizar o projeto, unir os capítulos e concluir a história ficou a cargo de Joaquim Serra. “Há, portanto, um centro de comando (“poderes papais”), com poder de intervenção no conjunto. Em termos boêmios, diríamos que Joaquim Serra paga as contas da mesa” (ARAÚJO, 2012, p. 3). Joaquim Serra tinha um estilo de escrita bem particular, era cômico e sarcástico, um poeta lírico e sertanejo. Ele anunciou *A casca da caneleira* no jornal *O Publicador*, como um texto bem-humorado, desvolto e descompromissado.

O texto, aqui considerado, foi concebido em onze capítulos, cada um deles escrito por um colaborador distinto, que são eles: “A Luz”, de Flávio Reimar; “Mais Luz”, de Pietro de Castelmare; “História dos Neves”, de Pedro Botelho; “Bem que Prega Frei Tomás”, de Rufo Salero; “Cousas do Arco da Velha”, de James Blumm; “Um Coração de Mulher”, de Nicodemus; “Uma Cena no Alcazar”, de Judael de Babel-Mandeb; “Tertius Gaudet”, de Stephens Van-Ritter; “Quase que se Pegam”, de Golodron de Bivac; “É Tarde!”, de Iwan Orloff; “Em Cartas”, de Conrado Rotenski e, por fim, “Uma carta e um aparte”, de Pietro Castelmare. Além desses, o livro foi composto por um Exórdio<sup>4</sup> e um Caleidoscópio final, esse último serve de epílogo à narrativa. Esses textos que vêm antes e depois do enredo em si

---

<sup>4</sup> O livro se inicia com o Exórdio, nomeado Indispensável, escrito por Jomar Moraes, cadeira número 10 da Academia Maranhense de Letras. Logo no começo, ele já apresenta a controvérsia que há sobre o título da obra e seu preâmbulo: “Por uma boa dúzia de ‘esperanças’”. Esse prefácio foi criticado por Fran Paxeco e reafirmado por Moraes, pois, “as dozes ‘esperanças’ eram apenas onze”. Isso porque encontram tal contradição que relaciona os onze pseudônimos, que ocultam a mesma quantidade de coautores, à citação “Por uma boa dúzia de ‘esperanças’”. Entretanto, a palavra “boa”, nesse caso, qualifica “dúzia”, dando a ideia de indeterminação, cujo sentido corresponde a “mais ou menos”. Ou seja, poderiam ser onze, doze ou treze “esperanças”, a exatidão não era de importância para os autores, tendo em vista seu caráter de divertimento. Já na apresentação da obra, percebe-se a intenção por detrás dessa simples produção romântica, já que há, nos bastidores, uma objeção a acontecimentos sociais da época, como a Questão Coimbrã: “A empresa, inicialmente planejada e executada com o simples intuito de divertir leitores através de uma historietta romântica, toma o sentido de uma reação à Questão Coimbrã (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 11)”. Esse comportamento descompromissado, com caráter crítico, mantém-se posteriormente no “Exórdio Dispensável”, tal qual no “Caleidoscópio final”.

possuem características de gênero argumentativo, que podem ser considerados manifestos contra a Questão Coimbrã.

A obra maranhense, tratando-se de um trabalho coletivo, tinha por objetivo camuflar a individualidade dos escritores, diluindo-os em uma autoria externa, uma espécie de entidade autônoma, que representa a voz de todos os autores envolvidos na criação. Segundo Foucault, “[...] O sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular” (FOUCAULT, 2001, p. 269). Foi nessa época, a partir da segunda metade do século XIX, que os escritores brasileiros se flexibilizaram na questão de autoria coletiva e passaram a produzir obras em parceria de dois, três ou mais autores, que eram publicadas em periódicos ou compiladas em livros. Então, pode-se dizer que *A Casca* surgiu como um marco revolucionário, tendo em vista que influenciou a forma de se produzir literatura. Os escritores maranhenses envolvidos nessa obra trabalharam em grupo, possivelmente compartilhando ideias, visto que havia certo vínculo entre eles, o que reforça a entidade da autoria. Eles eram parceiros, pois faziam parte de um grupo com os mesmos ideais, tanto na área da literatura, já que em sua maioria são escritores que se consideravam pertencentes à escola romântica, quanto em outras áreas, como a política. Sendo assim, supostamente podem ter ocorrido encontros nos quais os escritores conversavam sobre a obra e sua organização, harmonizando o processo de escrita com a vida boêmia, dividindo livros e mesas de bares.

Essa produção literária trouxe inovações por meio da escrita coletiva, ironizando e representando a sociedade contemporânea de seus escritores. Ela convida os leitores à reflexão sobre até que ponto vão os limites autorais. Segundo Hardt (2017), o resultado final de uma escrita a quatro mãos se parece com uma “terceira voz”, um produto final que é dos autores, mas ao mesmo tempo está fora deles, passando ser uma ideia comum e não uma propriedade. Ou seja, uma voz à parte dos autores, externa e autônoma. Foucault (2001) pensou no tema a partir da “função autor”. Tal função se responsabiliza por fazer a seleção e a organização de textos nos quais essa poderia ser proposta; além de criar a figura do autor por meio de dados biográficos e características pertinentes em sua obra. Essa função nos convida a avaliar quais são os limites da autoria e a respeito do que é ser autoral. No momento do processo de criação, não é a pessoa física que está ali, mas uma espécie de desempenho, performance e atuação de tal pessoa. O autor, portanto, é apenas o mediador que vai fazer todo um trabalho artesanal e de manejo da linguagem, sendo assim, por um momento, o autor tem poder de manipular e modificar seu texto, mas, depois de finalizado, seria como se o texto ganhasse autonomia e independência, e a linguagem falasse por si só.

## Enredo

O livro se inicia com o Exórdio, escrito por Joaquim Serra, no qual se percebe a ironia quanto ao nome dado a ele: “Dispensável”. Visto que esse é um capítulo que introduz o leitor na narrativa, sua leitura é de extrema importância, mesmo que seu autor diga, ironicamente, o contrário. Adiante, Serra brinca com o sintetismo da obra: “Este volume, apesar de pouco volumoso, é um grande livro” (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 6). Sendo assim, os autores tinham por objetivo “escrever um romance descosido; completá-lo sem saber como, e, no fim das contas, levar a incongruência para o aparelho da lógica; é seguramente atinar com a escola moderníssima, e mostrar vocação decidida para a cousa coimbrã (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 6)”.

O enredo se passa no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro. Narrada em terceira pessoa, a história trata do conflito amoroso de um quarteto, no qual dois rapazes, que eram amigos, envolvem-se com duas moças, que também eram amigas. Américo era um rapaz com amplo repertório, agia segundo sua razão, bastante observador e refletia como um filósofo; em contrapartida, tinha um grande apreço por novelas e era um tanto quanto zombador. Carlos, um rapaz romântico, sonhador, com sensibilidade na alma e na aparência, era “uma edição mais ou menos correta de todos os primeiros galãs da escola romântica (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 10)”. Júlia era uma mulher gananciosa, fria e conseqüentemente infeliz, coquete, ou seja, uma pessoa que só está preocupada com a vaidade, em despertar admiração e ter boa aparência no âmbito social. Clara, por fim, era uma moça de espírito manso, encantadora e com “alma de artista”, muito elegante e de “fascinação que irradiava sua figura encantadora (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 27)”.

Conforme consta na trama, Américo e Júlia se amavam, porém, ela casou-se com o Comendador Fabrício das Neves, um grande capitalista, senhor de posses e que poderia proporcioná-la regalos financeiros de toda sorte, tais como: vestidos, viagens, festas, idas ao teatro, ou seja, uma vida tranquila, agradável e prazerosa. Américo, após passar por essa situação de desgosto e amargura, diz-se indiferente ao amor, que está “vacinado” e que tem “miolos no coração” (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 14). Com isso, tornou-se mais cauteloso na área sentimental e passou a exortar seu amigo, Carlos, que estava perdidamente apaixonado por Clara, sua amiga de infância. Clara, no entanto, está cansada de seu namoro com Carlos e aceita se tornar noiva de Eustáquio Nogueira, um homem de caráter questionável e aparentemente rico, que havia feito um acordo com o pai dela, o Major Salustiano, velho boêmio e amigo do Comendador Fabrício das Neves.

Júlia, que estava aparentemente arrependida de seu casamento sem amor com o Comendador das Neves, percebeu que apenas o dinheiro não bastava para sua felicidade, já que, além de seu marido não satisfazer os seus desejos amorosos, ainda amava Américo. Com isso, aconselha Clara a não seguir o seu exemplo, para que não se casasse com Eustáquio com essa mesma intenção, mas que seguisse seu coração e voltasse seus olhos para Carlos, porque “uma migalha de amor bem apaixonado vale mais que todos os prazeres que nos fascinam tanto (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 24)”. Em um baile tradicional da cidade, o baile do Club, os dois amigos combinaram uma dança com os pares invertidos, com o intuito de se ajudarem. Carlos dançou com Júlia e Américo dançou com Clara. Mas, Américo falhou em sua missão ao dançar com Clara, pois não chegou nem perto de falar sobre Carlos e ambos acabaram se apaixonando. Nem mesmo o sentimento de culpa em relação à traição aos amigos separou o novo casal, sendo assim, eles se casaram. Enquanto isso, Júlia se mudou para o interior com seu marido e Carlos se alistou no exército.

### **Análise da estrutura da obra**

*A casca da caneleira* é bastante rica e complexa por trazer consigo as mais variadas características literárias, sendo elas: as do próprio formato folhetim, a partir do qual a obra surge; as da crônica, com linguagem coloquial, dinâmica e que retrata o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro; as do gênero epistolar, com cartas ao final do livro, que remetem ao *Steeplechase* inaugural; além das características do gênero novela após os capítulos serem compilados em livro. Sendo assim, pode-se observar que essa é uma obra que faz uma mescla de gêneros, resultando em um mosaico literário, o que quebra totalmente com o padrão clássico de se escrever literatura.

O folhetim é uma variedade literária vinda da França, que publicava em jornais histórias rápidas, dinâmicas e em prestações, ou seja, os capítulos eram publicados em determinados espaços de tempo, geralmente, variando de uma semana a quinze dias. Trata-se, portanto, de um modelo literário muito próximo à novela, o qual teve um papel importante na democratização da literatura, pois facilitou o acesso em massa de tais textos. Além do folhetim, os jornais traziam literatura em forma de crônica, gênero literário e também informativo, o que se trata de uma narrativa curta, com objetivos de retratar o cotidiano e a sociedade contemporânea.

No século XIX, o romance não tinha tanta aceitação por ser um estilo um tanto quanto realista, o que fazia com que os conservadores tivessem maior dificuldade de admitir esse estilo.

Além disso, a população não tinha costume de ler obras longas e intensas. Em vista disso, as novelas eram publicadas nos jornais, um capítulo por vez e em edições sequenciadas, para que se tornassem mais acessíveis à minoria que se interessava por literatura. Esse gênero, denominado folhetim, surgiu em meados do século XIX, como um tipo de obra literária de prosa de ficção popularizada, contendo uma narrativa menos densa e uma análise psicológica rasa e mais direta, para facilitar a compreensão da escrita.

No século XIX, a novela surgiu no meio literário com personagens e ações representando a vida cotidiana. Esse gênero tratava geralmente de um enigma, conflito ou mistério e, no final, chegava a uma conclusão. Em *A casca da caneleira* (1866), pode-se visualizar claramente o conflito amoroso do grupo de amigos, a traição entre eles e o caminho que a história segue até sua conclusão. A trama se desenvolve em um emaranhado de acontecimentos, nos quais são trabalhados episódios paralelos, podendo, ou não, ter uma conclusão definitiva. A produção foi organizada de forma sequencial, cronológica e linear dos fatos, entretanto, isso não é uma regra, visto que podem existir obras com adiantamentos e regressões; é o que acontece em *A casca da caneleira*.

As novelas, no Maranhão oitocentista, haviam ganhado muito espaço e receptividade entre os poucos leitores da época, por se tratar de um texto simples e dinâmico. Massaud Moisés (2000) tinha uma opinião negativa e conservadora a respeito desse gênero literário, pois, acreditava que o público leitor dessas obras não possuía uma capacidade intelectual desenvolvida para compreensão de textos complexos e mais elaborados. Portanto, percebe-se no gênero novela que, na “relação escritor-obra-leitor, o criador acaba produzindo personagens com caracterização mais sutil e análise psicológica superficial, uma vez que a demanda assim o exige (OLIVEIRA, 2017, p. 143)”.

A narrativa varia entre duas velocidades, por vezes muito densas, alternadas pelas partes na qual o relato é rápido e leve. Com capítulos breves e diálogos abundantes, a novela apresenta um único conflito e um núcleo de personagens conciso, que, por sua vez, “sofrem análise psicológica breve e superficial (OLIVEIRA, 2017, idem)”.

### **Questão coimbrã**

No momento após o rompimento político com Portugal e da reconstrução política pós-Balaiada, que foi a maior e mais longa revolta popular no Maranhão, houve, segundo Borralho (2009), uma adesão pela ideia romântica de genialidade, por meio da diferenciação e do engrandecimento da individualidade e singularidade por parte dos intelectuais maranhenses, os

quais passaram a evocar uma noção de memória, identidade e pertencimento a um lugar social, histórico e cultural. Assim, formou-se o Grupo Maranhense, composto por Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis e Gonçalves Dias, nos quais, em suas poesias, havia, como característica, a explicitação de uma determinada visão de mundo, fruto da transição do Arcadismo para o Romantismo, atuando como parâmetro estético. Dessa forma, esse grupo consolidou os conceitos sobre produção literária que a Escola Romântica havia proposto no cenário das letras nacionais.

Logo, São Luís passou a ser considerada a “Atenas” Brasileira, por possuir uma variedade intelectual e artística muito rica. Essa compreensão como “Atenas Brasileira” surgiu por ser fruto de um Maranhão escravagista e aristocrata.

Antes do surgimento do conceito de Atenas Brasileira, no Maranhão, havia uma equipe denominada Grupo Maranhense e, dentro dela, destacavam-se alguns literatos: Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis e Gonçalves Dias. Esse grupo, que não era homogêneo, teve a função de consolidar a produção literária no âmbito nacional, elaborando suas poesias com um parâmetro estético resultante da transição do Arcadismo para o Romantismo. De acordo com Jomar Moraes, o Grupo Maranhense não se encaixa “nem como escola literária ou estilo da época, mas tão somente a contemporaneidade dos maranhenses literariamente importantes, não atentando para as diversas filiações estéticas de cada um (MORAES, 2012 [1977], p. 90-91)”.

A *Casca* é a primeira repercussão da Questão Coimbrã no Brasil, no sentido de uma reação ao movimento liderado por Antero de Quental, conforme consta “a empresa, inicialmente planejada e executada com o simples intuito de divertir leitores através de uma historieta romântica, toma o sentido de uma reação à Questão Coimbrã pelo cunho chocarreiro que lhe dá Joaquim Serra (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. XI)”.

Os bastidores da criação de *A casca da caneleira* apresentam grande importância social e histórica. O livro foi escrito em um período conturbado e de renovação literária e ideológica, tanto em Portugal como no Brasil. Esse momento de agitação ocorreu com a eclosão da Questão Coimbrã no território lusitano, que logo teve reflexos em nosso país, principalmente, no Estado do Maranhão. Assim, os autores sofreram influências desse movimento, que os atingiu indiretamente.

Esse confronto entre o romantismo e realismo lusitano, que ocorreu na década de 1860, foi um momento em que esse último buscava inovações, tanto nos âmbitos político e econômico quanto na literatura. Os realistas buscavam romper com os padrões clássicos da produção literária que os românticos prezavam e buscavam maior engajamento social e político, pois

acreditavam que a literatura deveria retratar a realidade como ela é e, assim, ter um poder transformador na sociedade.

A Questão Coimbrã foi um dos sinais de mudança e renovação literária e ideológica que ocorreu no século XIX, polêmica travada entre literatos portugueses da época. De um lado o velho sentimentalismo dos ultrarromânticos, do outro, o novo espírito científico europeu. Esse confronto foi protagonizado por António Feliciano de Castilho, primeiro Visconde de Castilho, escritor romântico português da época. Em contrapartida, havia um grupo de jovens intelectuais, que eram estudantes da Universidade de Coimbra, formado por Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro. A esse grupo de jovens escritores, que implantou em Portugal os novos modelos literários e novas ideias da Europa, deu-se o nome de Geração de 70. Embora as primeiras manifestações datam da década anterior, esses jovens formaram-se por completo já depois da consolidação e institucionalização do liberalismo no país. Esse grupo se revoltou contra o atraso cultural lusitano, afirmando que viviam em uma sociedade marcada pela falta de avanços na cultura e que o romantismo era o responsável por essa estagnação. Além disso, alegavam falsidade na literatura romântica e enxergavam a necessidade de uma transformação artística, política, cultural e econômica.

A partir dessas inquietações, esse grupo de jovens escreveram diversos textos e organizaram reuniões com o intuito de mudar a atitude nacional. Contra esse movimento estava Antônio Castilho, que também formou um grupo anteriormente e, em 1865, foi solicitado a apadrinhar o “Poema da Mocidade”, de Pinheiro Chagas, com uma carta posfácio. Logo, Castilho aproveitou a ocasião para censurar o grupo de jovens, acusando-os de exibicionismo, obscuridade propositada e de tratar de temas que não tinham nenhuma relação com a poesia, além de falta de bom senso e bom gosto. Esse acontecimento fez eclodir a Questão Coimbrã.

Em resposta a Antônio, Antero de Quental escreveu uma das obras mais emblemáticas do Realismo português, para se defender da acusação de Castilho que dizia que sua obra não tinha nada a ver com a poesia, intitulada *Bom senso e bom gosto*, que representou uma resposta ao opositor em tom sarcástico e irônico. A Questão Coimbrã durou meses e terminou com um duelo de espadas entre Antero de Quental e Ramalho Ortigão; entretanto, não se sabe ao certo quem venceu a batalha.

Na obra *Bom Senso e Bom Gosto*, Antero se referiu aos literatos brasileiros da época em tom depreciativo e isso acabou acendendo um ressentimento nos escritores maranhenses, talvez não apenas pelo fato de não concordar com suas ideias, mas por ter ferido o brio nacionalista dos autores. Antero, ao falar a Antônio de Castilho, faz menção aos letrados brasileiros da seguinte maneira: “são os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para

parecerem alguma cousa. São os ídolos literários da multidão que mal sabe ler. São philosophos queridos da turba que nunca pensou. São, enfim, gênios no Brasil como v. ex.<sup>a</sup> (QUENTAL, 1865, p. 10)”.

Assim, *A casca da caneleira* foi criada como uma reação à Questão Coimbrã, o que não significa adesão ao movimento. O único compromisso do livro seria com a noção de revidar essa crítica, por isso, sua elaboração é totalmente despropositada, atacando debochadamente Coimbra e a própria Questão Coimbrã.

A obra contém tanto características realistas como traços românticos. Entretanto, não há nenhum registro indicando a qual escola ela se encaixa. Pode-se pensar na possibilidade de a novela ser uma criação com perfil realista para criticar os ideais buscados por essa estética, tendo em vista que a maior parte dos autores era romântica e conservadora. Ou seja, uma hipótese seria a ideia de criar uma novela coletiva, o que desmancha a individualidade valorizada pelos românticos, desenvolvendo uma técnica de escrita marcadamente realista, entretanto, parece ter resultado, ao mesmo tempo, em um texto medíocre e sem importância. Com relação a esse ponto, observamos que Sotero dos Reis não menciona *A casca da caneleira* no seu livro *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, onde ele cita diversas outras obras. A partir das ideias de Borralho (2009) pode-se então supor, que Sotero nunca tenha citado a novela pelo fato de ela ser uma narrativa sem compromisso e mísera, a ponto de não ser considerada digna de pertencer ao cânone ou de receber quaisquer outros prestígios.

Além disso, após a reconstrução político-econômica pós-Balaiada, São Luís ganha o título de Atenas Brasileira por ser uma sociedade com ampla variedade artística e intelectual. Entretanto, Sotero dos Reis, que, segundo Celso Cunha (1970), destaca-se por ser um dos escritores mais tradicionais e clássicos, além de ser revolucionário nos seus estudos linguísticos e filológicos, não faz menção aos Atenienses. Ainda com base nas análises de Borralho (2009), pode-se pensar que essas omissões seja uma forma velada crítica a esse grupo, enquanto, por outro lado, a morte de Sotero, em 1871, pode ter sido a causa desse desdém, tendo em vista que ele não presenciou a ascensão da categoria.

O livro também carrega características românticas, sobretudo quanto ao tema tratado no enredo. Nos lances amorosos, é possível perceber claramente as idealizações feitas por ambas as partes do quarteto, além da subjetividade e dos desejos individuais notados em cada um dos protagonistas. Não haveria possibilidade de a obra ser totalmente realista, tendo em vista que o grupo de autores é marcadamente romântico. Segundo a concepção de Barthes (1988), na obra literária, é a linguagem que fala e não o autor, porém, não há como o escritor ser totalmente imparcial e não imprimir na escrita sua essência, que no caso é puramente romântica.

Finalmente, no “Caleidoscópio final”, é explicado que o romance não quer provar coisa alguma, mas, certamente sua expressão em determinados capítulos é marcadamente “crua e coimbrã”.

## Conclusão

O presente trabalho buscou fazer uma problematização das questões de gêneros literários que envolvem o livro *A casca da caneleira*, além da apresentação analítica estrutural e do contexto histórico, no qual a narrativa foi desenvolvida. A partir dessa discussão, buscou-se revisitar a obra, trazendo-a para nosso circuito literário, revitalizando o cânone.

A novela, embora não esteja presente nas discussões literárias tradicionais, carrega grande importância social e histórica, pois foi escrita em um contexto conturbado e de transformações que tiveram reflexos no século XX. É um texto totalmente marginalizado, que não segue regras definidas e, por isso, não se encaixa em nenhuma vertente literária. Com isso, deduz-se que a intenção dos autores era justamente essa: escrever uma historieta totalmente despropositada e carregada de brincadeiras, sem se preocupar com as exigências para fazer parte do cânone. Joaquim Serra, assinando com seu pseudônimo Pietro de Castelamare, na carta a Flávio Reimar, em sua coluna “Terra-a-Terra”, no jornal *O Publicador*, afirma que: “Os autores deste importantíssimo trabalho não ambicionam louro e nem ouro. Sabem que um romance arranjado por tantos, sem combinação de vista e nem propósito anterior, não poderá ser o romance destinado a um grande fim social (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 15)”.

Dessa forma, Joaquim Serra deixa explícito que os autores não tinham o objetivo de criar uma obra para se encaixar em alguma escola literária, uma vez que sua produção foi totalmente despropositada. Em contrapartida, no “Exórdio Dispensável”, Joaquim Serra relata:

Mais ou menos coimbrões, os escritores deste livro andam às voltas com as teorias da rapaziada do Quental. Escrever um romance descosido; completá-lo sem saber como, e, no fim das contas, levar a incongruência para o aparelho da lógica; é seguramente atinar com a escola moderníssima, e mostrar vocação decidida para a cousa coimbrã (BABEL-MANDEB *et al.*, 1980, p. 3).

Aqui, percebe-se que a intenção foi a de escrever um romance desorganizado e, com a ajuda da escola romântica, apresentar algum sinal incoerente da escola realista, mostrando assim interesse no debate da Questão Coimbrã. A partir dessa constatação, pode-se concluir que há a perspectiva de o livro ter sido escrito com apenas o seguinte propósito: divertir os leitores e fazer uma crítica debochada a Antero de Quental e à Questão Coimbrã, sem a preocupação de produzir uma obra canônica.

## Referências

- ARAÚJO, G. Literatura e prestidigitação: alguns romances coletivos no Brasil oitocentista. In: PINHEIRO, L. C.; RODRIGUES, M. M. M. (orgs.). **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: Clepul, 2012. p. 107-123.
- BABEL-MANDEB, J. de [Henriques Leal] *et al.* **A casca da caneleira (steep-chase)**: por uma boa dúzia de “esperanças”. 2. ed. São Luís: Edições Sioge, 1980.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BORRALHO, J. H. de P. **A Athenas equinocial**: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. 2009. 334 f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- CUNHA, C. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 2. ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? In: **Ditos e escritos III**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. Tradução Barbosa I. A. D. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.
- HARDT, M. Como escrever a quatro mãos. In: **Dossiê ética e política - vol. I**. Tradução Viel J. Vitória: Sofia, v. 6, n. 1, 2017, p. 166-173. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/issue/view/780/258>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- LOBO, L. **Épica e modernidade em Sousândrade**. 2. ed., Rio de Janeiro: 7Letras, 2005, p. 10-13.
- MOISÉS, M. **A criação literária**: Prosa I. 16. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 2000.
- MORAES, J. Sobre a “casca da caneleira” I. **Blog da Academia Maranhense de Letras**, São Luís. 12 de abr. 2012. Disponível em: <http://www.academiamaranhense.org.br/blog/sobre-a-casca-da-caneleira-i/>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- OLIVEIRA, P. J. de. Novela: um gênero polêmico. In: **Albuquerque**: revista de história, Campo Grande: UFMS, n. 3, v. 2, p. 135-153, jun. 2017.
- PICCAROLO, A. *et al.* **Conferências 1914-1915**. São Paulo: Typographia Levi, 1916.
- QUENTAL, A. de. **Carta ao excelentíssimo senhor Antonio Feliciano de Castilho**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865.

**Recebido em: 21/10/2020 Aceito em: 04/01/2021**